2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 39. QUINTA FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DIPLOMATICOS DO MUSEU BRITANICO DE QUE POSSUE COPIAS O EXM.º SR. VISCONDE DE SANTAREM RELATIVOS A PORTUGAL. (10)

(Continuado de pag. 447.)

Illm.º sr.

Paris 14 de março de 1853.

Permitta-me v. que lhe rogue o obsequio de mandar publicar na REVISTA a continuação do Catalogo dos Manuscriptos do Museu Britanico, do que possuo copias authenticas.

Todos estes documentos são muito interessantes para a historia das nossas relações com a Inglaterra.

Espero poder enviar a v. outro de diversos manuscriptos portuguezes ou relativos a Portugal que se acham no mesmo Museu, e de que possuo copias.

Seria para desejar que na REVISTA fossem os numeros dos que hoje indico publicados em numeramento seguido aos outros já indicados no 1.º Catalogo que remetti com a minha carta de 26 de fevereiro.

Renovo as seguranças de estima com que me preso ser

De v. etc.

VISCONDE DE SANTAREM.

(10) Este Catalogo é a continuação do que foi annexo á carta do mesmo exm.º sr. visconde de Santarem de 26 de fevereiro de 1853.

116.º

1273 (?) — Salvo-conducto concedido por Duarte I de Inglaterra aos mercadores portuguezes e hespanhoes para poderem ir a Inglaterra (sem data).

117.º

1413 (?) JULHO 25 Lisboa — Carta credencial de el-rei D. João I a favor de João Vasques de Almada para tratar de certos negocios relativos a Portugal.

118.º

1436 AGOSTO 8 — Ordem de el-rei D. Duarte de Portugal aos seus vassallos para não pôrem impedimento algum aos navios e subditos de Inglaterra que vierem a Portugal.

119.º

1439 SETEMBRO 29 — Decreto da infanta Isabel de Portugal, duqueza de Borgonha, a respeito das pescarias nas costas de Flandres.

120.º

1439 — Tratado de paz e amisade entre a rainha D. Leonor de Portugal, mãe e tutora de el-rei D. Affonso V, e Henrique VI de Inglaterra.

121.º

1471 MAIO 11 — Confirmação de Duarte IV de Inglaterra do tratado celebrado com Portugal em 1385.

122.º

1472 — Poder dado por el-rei D. Affonso VI

ao doutor João d'Elvas para poder ajustar a prolongação das tregoas com Duarte IV de Inglaterra, e juntamente uma reclamação do mesmo rei de Portugal ácerca de certos navios e suas mercadorias apresadas havia tempos pelo Bastardo de Faw-Cambridge.

123.º

1472 SETEMBRO 2 — Carta de el-rei de Portugal a D. João d'Elvas, seu enviado em Inglaterra, para requerer a restituição de um navio e das mercadorias no mesmo carregadas que tinham sido apresadas pelos inglezes.

124.º

1472 — Poder de el-rei D. Affonso V dado ao doutor João d'Elvas, seu enviado para requerer a confirmação das allianças e amisades com Duarte IV rei de Inglaterra.

125.º

1473 AGOSTO 30 — Ratificação do tratado de paz celebrado entre el-rei D. Affonso V e Duarte IV de Inglaterra.

126.º

1482 FEVEREIRO 8 — Juramento de el-rei D. João.

127.º

1483 — Confirmação das tregoas por el-rei de Portugal que tinham sido ajustadas com el-rei de Inglaterra.

128.º

1484 — Confirmação do tratado com Inglaterra.

129.º

1499 MAIO 12 — Ajuste e confirmação da paz entre el-rei D. Manuel e Henrique VII de Inglaterra.

130.º

1513 JUNHO 8. Lisboa — Carta de el-rei D. Manuel ao papa Julio II dando-lhe parte da conquista e do estabelecimento fundado por Affonso de Albuquerque em Goa e Malaca etc.

131.º

1522 — Reclamações dirigidas ao imperador Carlos V, a respeito do commercio da India e respostas daquelle soberano ás mesmas.

132.º

1532 SETEMBRO 25 — Carta de Henrique VIII ao infante D. Luiz, duque de Béja, recommendando-lhe D. Diogo Rodrigues Pinto.

133.º

1559 ABRIL — Carta da rainha Isabel de Inglaterra, em resposta á que el-rei de Portugal lhe escrevera, congratulando-a pela sua elevação ao throno.

134.º

1561 — Quatro artigos com o titulo de *Resumo da Mensagem* mandadada a el-rei de Portugal com as reclamações que se fizeram, e respostas que se deram ás mesmas, em que se declarou ser prohibido ir ás colonias portuguezas.

135.º

1561 NOVEMBRO 22 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião, communicando-lhe as providencias que tinha dado em consequencia das reclamações que este soberano lhe tinha dirigido.

136.º

1562 MAIO 23 — Carta do embaixador de Portugal a Lady Cecil, mulher do secretario Sir W. Cecil, offerecendo-lhe uma pensão de 2:000 peças de oiro para que seu marido cuidasse dos negocios d'el-rei de Portugal.

137.º

1562 — Carta da rainha Isabel a respeito das reclamações que el-rei de Portugal tinha feito, e que haviam sido appresentadas pelo seu enviado João Pereira Dantas.

138.º

1562 JUNHO 7 — Replica do embaixador de Portugal á resposta do conselho privado da rainha Isabel de Inglaterra, a respeito do commercio da Guiné.

139.º

1562 JUNHO 14 — Resposta dada ao livro que o embaixador de Portugal em Londres entregou, em 9 de junho deste anno, ao governo inglez.

140.º

1562 JUNHO 19 — Replica do mesmo embaixador á dita resposta.

141.°

1562 JUNHO 25 — Representação de João Pereira Dantas, embaixador de Portugal, á rainha Isabel de Inglaterra, reclamando contra as pretenções dos subditos inglezes de irem commerciar nos estabelecimentos e conquistas de Portugal (11)

142.°

1574 JUNHO 5 (?) — Relação das importações, que faz a cidade de Londres, de Barbaria e de Portugal.

143.°

1578 AGOSTO 4 — Representação do campo militar d'el-rei D. Sebastião, acompanhada de uma relação da expedição deste principe contra o rei de Marrocos e da fatal batalha d'Alcacer, em que el-rei perdeu a vida. Vão juntos dois additamentos.

144.°

1578 (?) — Reclamação de 3 religiosos ao governo inglez, para que lhes seja restituido o dinheiro e fazendas que lhe tinham sido tomadas por certo Ricardo, capitão do navio que os tinha conduzido de Lisboa para Inglaterra, (sem data).

145.°

1579-1580 MARÇO 7 — Carta de Sir Henry Cobham, embaixador de Inglaterra em França, a lord Burlergh, incluindo um maço de papeis da senhora D. Catharina, duqueza de Bragança, dirigido á rainha Isabel de Inglaterra, sobre diversos assumptos relativos aos negocios de Portugal.

(Continúa.)

DESTRUIÇÃO DOS INSECTOS PARTICULARES DOS CEREAES.

Todos os agricultores, moleiros, e negociantes de trigo conhecem muito bem o gorgulho por seus estragos: esta casta de insectos devoram ás vezes todo o grão de um celleiro e só deixam o farelo. Cada larva consome a farinha correspondente a uma espiga, e ahi opera a sua metamorphose: o gorgulho depois de transformado continua a devorar o grão; da mesma maneira que o bisouro roe e come sob as duas formas de larva e de scarabéu.

O gorgulho é receoso do estrondo. Revolvendo-se com o padejar a miudo os trigos onde entrou o gorgulho, consegue-se que elle fuja para fóra das tulhas, e varre-se immensa quantidade que apparece no pavimento e pelas paredes; não se logra com este meio destruil-o inteiramente, mas sim reduzir o numero.

Este insecto é dotado de mui energica vitalidade. Observou-se já que se conserva e ate pullula encarcerado n'um rebôco de cal ou de gesso por espaço de annos, apparecendo no momento em que o cultivador tendo feito reparar de novo as paredes do celleiro se julgava desembaraçado daquelle inimigo.

Para combater tão damninho insecto, M. Dombasle aconselhou o uso do gaz acido sulphuroso, ou do vapor que se desprende do enxofre em combustão, empregando-se o seguinte methodo. Tomam-se duas vasilhas ou quartolas da capacidade de 2 ou 3 hectolitros (11 dois terços almudes ou 17 e meio, medida de Lisboa) cada uma, e collocam-se sobre dois barrotes de 10 a 12 pés de comprimento do mesmo modo que nas adegas se assentam as vasilhas nos canteiros; mas devem ficar de modo que se possa andar deredor. As vasilhas devem ter aberturas maiores que as ordinarias dos batoques, e por ahi se enchem do gaz sulphuroso, fazendo arder a mecha que é pratica dar nas pipas e toneis de vinho; deita-se-lhe depois por um funil ou qualquer utensilio adequado o trigo que vae deslocar o gaz e encherá a vasilha até o orificio do batoque: em quanto se dá mecha n'uma quartola enche-se de grão a outra, e fazendo-a rolar até á extremidade do canteiro, que deve estar elevado do chão obra de palmo e terço, o trigo se despeja e um trabalhador o ajunta com um rôdo pondo-o de lado em monte.

Dois jornaleiros trabalhando assim podem saturar de gaz sulphuroso, no espaço de algumas horas, mui consideravel porção de trigo, porque é um trabalho que corre quasi tão depressa como a medição dos cereaes.

Sendo o gaz acido sulphuroso eminentemente volatil, basta padejar duas ou tres vezes no espaço de alguns dias para tirar o cheiro que o grão contrahira naquella operação, e não con-

(11) João Pereira Dantas tinha já estado em França revestido do caracter de embaixador, como se mostra no *Quadro Elementar das Relações Diplomaticas*, tom. 3.° pag. 340 e 341 (doc. do anno de 1555).

serva vestigio algum delle quer a farinha quer o pão fabricado com a mesma.

É preciso para a operação que o celleiro seja bem arejado, e que reine vento um tanto forte que estabeleça uma corrente de ar bastante rapida.

Outro processo muito mais simples consiste em por a ferver duas ou tres libras de cavacos de pinheiro bravo em porção da agua sufficiente para regar o celleiro, o que se repete por duas ou tres vezes.

Experimentou-se egualmente com vantagem a dissolução de uma quarta parte de acido muriatico com tres quartilhos de agua commum para cada sete alqueires de trigo atacado do gorgulho.

Outro inimigo do cereal mais precioso é a traça dos trigos, isto é, uma pequena borboleta nocturna, de côr branca amarellenta com as azas salpicadas de preto: no estado de lagarta parece-se com o bicho da lãa, cujo corpo é liso e esbranquiçado. A borboleta não se aloja nos bagos, mas sabe ligar muitos com a teia que urde e de que forma um tubo, no meio do qual se conserva, e donde tem sempre a possibilidade de sahir para comer os grãos de que se approvisiona. Quando a borboleta infesta um celleiro vê-se em toda a superficie do trigo montinhos de grãos collados uns aos outros com fios daquella teagem do insecto, o que forma uma especie de capa.

A traça transforma-se em larva ou lagarta, dahi passa a ser borboleta para dar nascimento, por meio de uma postura abundante, a grande numero de insectos da sua especie.

A cal, o alcatrão, o gaz acido sulphuroso são venenos para estas phalenas vorazes, com os quaes se destroem.

A alucites é outra phalena similhante á precedente. porém, menos volumosa: existe debaixo das quatro formas, ovo ou milhera, lagarta, chrysalida, e borboleta. As alucites depositam a sua milhera nas espigas junto do logar onde o grão está pegado á palha, estes ovos são de extrema tenuidade, e produzem no fim de 4 até 7 dias. Apezas da sua pequenez a lagarta ataca o grão e a final o fura. Réaumur observou que as alucites novas se devoravam umas ás outras de modo que não se achava mais de uma em cada grão.

A alucite tendo feito no bago um buraquinho redondo, e cavado para dentro um corredor, nutre-se de uma parte da farinha, suja com seus excrementos o pouco que deixou, e achando refugio contra o frio no calor que se desenvolve sempre no centro das tulhas de trigo vae aninhar-se alli e vive á custa de todo o celleiro. Combatem-se pela cal, e alcatrão, como as precedentes.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMPÇÃO!

(Continuado de pag. 449.)

Atraindo assim a pouco e pouco o mancebo para as idéas suaves da resignação; lembrando-lhe, (o que é a suprema consolação para a enfermidade humana) que outros tinham sido mais desditosos e viviam, achando quasi leve a pena pelo costume de a suportarem, o visitador preparava-o para saber a verdade sem perigo, e para saír da amargura sem crise. Os seus olhos prescrutadores seguiam na physionomia mudavel, ora as sombras, ora a luz, calculando o estado da alma, e os abysmos da paixão. Dado o choque mais forte, o que procurava era trazel-o insensivelmente da certeza á duvida, tornando mais facil assim, e menos violento, o abalo ultimo de que esperava tudo. Fazendo-o assentar junto de si, e pegando-lhe na mão, o padre Ventura depois de curta pausa, acudiu com bondade;

— « Ora pois! Adiante da sepultura não ha nada; disse eu; mas quando ella não nos roubou tudo, o coração embora chore, póde ter esperança ainda. Não ha tempestade, depois da qual não venha o sol... »

— « Esperança, meu padre! Qual? acudiu Jeronymo com desalento. Não estou aqui preso para ser condemnado talvez amanhã; longe de todos, aborrecido como assassino; e detestado mesmo por ella que deve julgar... »

— « Quem sabe? Thereza vive, é o importante; será facil convencel-a de que está innocente; porque o golpe... »

— « Padre Ventura todo o meu sangue me parece pouco para resgatar uma gota do que fiz correr... » interrompeu o mancebo com ardor.

— « Acredito. Então de que nos affligimos? O que é irremediavel nesta desgraça para perdermos a esperança em Deus, a fé e a alma com as blasfemias do suicidio? Se a visse, se ella o ouvisse... »

— « Vel-a ! Eu ?... » gritou o preso erguendo-se com impeto, cerrando os punhos, e fuzilando-lhe nos olhos outra vez o clarão, que aterrava o visitador ; « vel-a ? Fallar-lhe ?... Não sabe, padre, que me costumei a viver na minha idéa, não com a mulher, que fez de um coração tão credulo o escarneo dos seus caprichos e o preço dos infames amores do rei... »

— « Silencio, louco ! » exclamou o jesuita, procurando de balde pôr um dique ao delirio, que rompia.

— « Mas com o anjo, que vi crescer, que adorei, que era a guarda e a estrella da minha vida ? proseguiu o mancebo cada vez mais arrebatado. — Vel-a, a perfida, que me deixou chorar, e sem dó, e foi nessa noite mesmo negar as suas promessas, e rir-se dellas esquecida e vaidosa nos braços, a que se vendeu ?... Que me importam as palavras ? A bocca, que as profere, não beijou os labios de um principe jurando... Esta idéa é um fogo que está a arder aqui ! « E levou a mão convulsa á testa contraída. » Quando recordo aquella noite, em que padeci mais do que se ha de penar no inferno em seculos de eternidade, sobe-me a vingança ao coração, e não sei, sinto uma nuvem a cobrir-me os sentidos e o juizo !... Não a vi, como o vejo aqui, padre Ventura ; não a ouvi dizer-lhe o que não se diz com tanto amor nem a um esposo ; palavras que me cortavam a alma, e que me fariam mil vezes morrer de jubilo, se fossem para mim ?... Vel-a ! ? Não a conheço ; não a amo ! Sabe porque choro, porque não quero nem posso resistir ? É por ser obrigado a sepultar doze annos, a flor e a gloria da minha vida, no desprezo e na amargura de uma hora. O mundo é grande ; bem conheço ; mas sabe o que é piqueno nelle ? O coração humano ! No meu, depois de queimada pela vergonha e pelo desprezo a imagem que foi tanto tempo a sua companhia, não ficaram senão cinzas. Um sopro mais forte, que as levante, e não ficou nada ! Bem vê v. paternidade, que assim não póde viver-se ! »

O visitador cruzou os braços e inclinou a cabeça. As suas palpebras molharam-se com as lagrimas, que a tanto custo vertem os olhos dos velhos. O peito apertou-se e gemeu ; a amizade paternal, que o trouxera alli, sentiu a dor cortante, que trespassa junto do filho moribundo ; mas o espirito não se abateu, nem a intelligencia vacillou. Diante do perigo firmou-se mais, e juntou as forças. Depois de um instante de reflexão percebeu que era o momento de arriscar tudo, para perder ou ganhar a victoria em um só lance. Um abalo immenso podia unicamente suspender a crise, cortar a demencia, e pelo espanto dar tempo á rasão para não sucumbir. O jesuita não hesitou. Erguendo a fronte, e fazendo tremer a vista desvairada do mancebo diante da severidade fixa da sua, estendeu a mão para elle com auctoridade irresistivel, e disse naquelle tom, que levava á alma dos outros a vontade inflexivel da sua :

— « É falso ! Thereza não amou nem ama ninguem ! A que viu não era ella ! »

Jeronymo, escutando-o, recuou diante das suas palavras, como se recua de uma espada nua apontada ao rosto. Os olhos pasmados, a respiração oppressa, e a mobilidade apathica do rosto, diziam a revolução profunda causada por esta voz, que ía outra vez acordar no seu coração esperanças e desejos, que suppunha mortos :

— « Não era ella ? » repetiu machinalmente depois de uma pausa.

— « Não ! » redarguiu o padre, dando ao monosyllabo toda a força.

O mancebo olhava sempre como um homem, despenhado de grande altura e salvo por um milagre, que duvida ainda se existe, ou se tudo o que o rodeia é illusão.

— « Os meus olhos não viram ? Os meus ouvidos não ouviram ? Eu não estava alli, não conheço a sua voz ?... Qual de nós estará louco, padre Ventura ? » exclamou, por fim, com uma risada convulsa e dolorosa, que lacerava a alma.

— « Aquelle que duvida ! » replicou o jesuita sem vacillar, e sempre no mesmo tom.

— « Então os sentidos mentem ? O que se apalpa chama-se illusão ? Tudo isto foi um pezadello, e nada mais ? »

— « Não ! As coisas existiram ; mas as pessoas foram outras. »

— « Assim o principe real não era o principe ? » insistiu Jeronymo com a anciedade e a oppressão do homem, que nega com receio de crer de leve a boa nova.

— « Sua Magestade El-rei D. João V esteve alli, e até recebeu uma ferida leve da sua espada ! »

— « E Thereza ?... não lhe vi correr o sangue, quasi nos braços delle ? »

— « Não ! Thereza nunca veio alli ! »

— « Padre Ventura, — disse o mancebo depois de alguns instantes de afflictivo silencio, em que se lhe ouvia bater o coração no peito, — a sua bocca sempre foi verdadeira mas agora !...

Sabe que enganar-me era peior do que a morte? Sei que me deseja bem; é um sacerdote virtuoso, inimigo da mentira e da traição; tenha dó e piedade! não exacerbe a minha paixão; neste momento sinto que de repente posso aqui enlouquecer aos seus pés de jubilo ou de dor... »

— « Christo para convencer o apostolo, redarguiu o padre sorrindo, disse-lhe só: — olha e toca! Eu, peccador e mortal, seguirei o seu exemplo, e perguntarei ao incredulo: que pedes para acreditar? »

O capitão, com a vista e a physionomia exaltada, deu alguns passos incoherentes, estendeu os braços para o italiano, e clamou com profunda angustia:

— « Padre! Padre! A rasão não tem força para tanto! O coração não póde com mais ancias. Veja bem: é a vida ou a morte! Thereza está innocente? Sobre a sua alma jura-me que os meus olhos mentiram? «

— « Juro! Thereza não veio alli. »

Houve outra pausa. No rosto de Jeronymo a duvida, e a certeza, a alegria e a desesperação, appareciam, sumiam-se, e voltavam, rapidas como as commoções que o agitavam. A cabeça, por fim, desfalleceu; o coração abriu-se aos prantos; as lagrimas, muito tempo represadas, correram livres pelas faces. Mas passado um instante, o luto da alma tornou a cobrir-lhe o semblante; o brilho da vista esmoreceu; a expressão serena turvou-se; e pondo-se de pé com impeto, gritou:

— « Não! Não! Eu vi! É impossivel!... »

— « Então sabe que feriu a Thereza? » disse o padre tentando o derradeiro esforço.

— « Sim! »

— « Protesta que a viu banhada em sangue? »

— « Vi! »

— « E se ella se descubir e mostrar que não tem signal de golpe; e se aquella, que na realidade recebeu a ferida lhe apparecer, e patentear a cicatriz, duvidará ainda? »

— « Se tudo fosse assim, padre Ventura, não negava; caía de joelhos com as mãos erguidas ao céu, e diria: meu Deus! Mais cem annos de martyrio como este, com tanto que o meu sonho dure! »

— « Bem! Agora as provas! » replicou o padre, dirigindo-se para a porta, e trazendo Thereza pela mão, decorridos alguns momentos. Cecilia seguia-os, ainda pallida e fraca, pelo braço de fr. João dos Remedios.

— « Eis o instante que o perde ou salva! » murmurou o visitador ao ouvido da donzella. « Animo e paciencia! Não se esqueça das palavras que é preciso dizer-lhe. »

Em quanto o italiano abria a porta do aposento, e fazia signal aos que esperavam anciosos, o mancebo tinha-se assentado, e com o rosto entre as mãos não dava accordo do que se passava. De repente descubrindo os olhos, á voz do jesuita, achou diante de si todos aquelles, que não contava tornar a ver, e foi tal o sobresalto, que lhe fugiu pela vista um relampago, poz-se de pé como se uma occulta mola o tocasse, e sem forças cahiu de novo na cadeira, e quasi nos braços do visitador.

Fez-se então um grande silencio. O gesto do padre, tremulo a seu pesar, e inclinado sobre o corpo de Jeronymo, era o unico signal de esperança, que animava todos aquelles corações.

— « Foi um sonho » murmurava o mancebo com os olhos fechados, e a palidez da morte nas faces « um sonho de que seria crueldade accordarem-me! Quero vel-a ainda, como dantes... Diziam que vivia! Enganavam-me! Veio do ceu e está chamando-me! »

— « Não, Jeronymo » acudiu em voz suave Thereza, pegando-lhe na mão « não é um sonho. Soube que não podia viver assim, e venho dizer-lhe, que a experiencia acabou, que o amo, e que nunca amei a outro! »

Eram as palavras ajustadas; era a allusão ao ultimo adeus trocado no quarto de Thereza, quando Jeronymo se despediu. Ouvindo-a, o capitão levantou-se com impeto, abriu os braços, e como se musica invisivel o atrahisse, pasmou a vista absorta, e entrabertos os labios em um sorriso, pareceu fugir com a alma atraz do ultimo som desta voz amada. Depois estremeceu; olhou em roda; e soltando a mão com força, deu um grito, e apertou a cabeça entre os punhos, como se uma dôr atroz lhe rasgasse o peito. Vendo Thereza, recahira na sua desesperação. A scena do jardim retratou-se-lhe na mente; e um riso cruento e ironico cingiu-lhe os beiços lividos, e deu á phisionomia terrivel aspecto. Desviando a donzella com um gesto glacial, voltou-se para o jesuita que o observava, e disse:

— « O que vem fazer aqui esta senhora? Não sou rei, não sou principe! Não lhe posso offerecer senão as penas que lhe devo, e um logar na sepultura que me abriu. »

— « Jeronymo! » murmurou Thereza, com os olhos turvos não de ira mas de compaixão.

— « Meu Deus! » soluçava Cecilia em voz

soffocada, e erguendo a vista lacrimosa para o ceu « como as suas palavras ferem! Como cahem sobre mim! O mundo será como elle injusto, e sem misericordia? »

— « Diga-lhe que se enganou » proseguiu Jeronymo no tom baixo e vibrante, que annuncia as tempestades da alma. « Esta prisão é miseravel para a amante de um rei. Veio para lhe levar a noticia da minha morte, e negociar com ella? Póde ír segura! É mais um collar de perolas com que ornará o peito em escarneo do amor que vendeu, e do coração que trahiu! »

Cecilia chorava de pejo e de pena. Thereza colhia no rosto do jesuita paciencia e resignação para conter o seu orgulho. Este, pegando então no braço do mancebo com vehemencia, e arrastando-o quasi, trouxe-o para junto da donzella e exclamou com immenso imperio:

— « De joelhos, louco! De joelhos! Peça a este anjo, que lhe perdoe, porque veio consolar a sua magua, e salval-o do abysmo. Abra os olhos, e cáia em si! Quem amou o principe sem saber a sua qualidade, em toda a innocencia e candura, não foi Thereza, era Cecilia! Quem recebeu o golpe da sua espada, e por milagre resistiu tambem foi ella. A voz que ouviu era a sua; a carta que lhe entregaram não veio para outra. Veja o signal da ferida; veja no seu rosto a amargura das dôres que lhe causou. Sua irmã quasi que se levanta do sepulchro, para o persuadir a ser feliz! Duvida? É tão ingrato que não tem voz ainda para louvar a Deus e chorar os erros do seu delirio? »

E acompanhando as fallas das acções obrigava-o a ver e desenganar-se. Quando concluiu a ultima phrase, Jeronymo soluçava aos seus pés, e estava salvo.

O visitador tinha escolhido com rara sagacidade o momento, em que a mente balbuciava entre o ciume e o re-entimento das longas penas para tentar o choque decisivo. Um minuto mais cedo podia causar a loucura pela alegria, um minuto mais tarde, e as trevas, que já escureciam a alma, podiam condensar-se para sempre! Assim mesmo o aballo foi tão grande, que o capitão procurou debalde a voz, e não achou senão as lagrimas, que em fio corriam mudas sobre a mão do jesuita.

Os espectadores desta scena pungente exprimiam no semblante a anciedade com que tinham esperado o effeito della. Agora que o perigo estava passado, e que o mancebo lhes era restituido quasi milagrosamente, o pranto, silencioso tambem, das duas meninas, revelava a força de espirito que lhes fôra necessaria para conterem a ternura e a piedade. Fr. João dos Remedios, que desde o principio ficou immovel como uma estatua, e sem animo nem de respirar, uniu as mãos, e ergueu os olhos humidos para o ceu. Sentia de menos um peso enorme.

— « Vencemos! » disse o padre Ventura com uma satisfação exaltada, que dizia depois do exito o excesso do seu receio. » Deus teve compaixão, e concedeu-lhe um toque da sua graça. Agora temos homem. É deixal-o socegar. Aquelle triste coração padeceu e gemeu muito, esteve na agonia tanto tempo, que precisa de paz e de silencio alguns instantes para se conhecer e tornar a si. Então, padre mestre, não lh'o dizia eu? Não vimos aqui duas heroinas apesar de tão estremosas e sensiveis? Não ha nada comoo amor para fazer estes prodigios. »

— « De certo, sem nenhuma duvida! » respondeu o frade que ainda tinha na garganta um nó.

Jeronymo, sem proferir palavra ainda, ergueu-se dos pés do visitador e foi ajoelhar diante de Thereza, pegando-lhe na mão, e cubrindo-lh'a de ardentes osculos. A vida, que sentia florecer de novo, via-se nos olhos cheios de ternura e de timidez, e de adoração, com que a contemplava.

— « Perdoas-me?—exclamou por fim em voz tremula.—Não fui eu, foi um louco, um desgraçado que duvidou! Devia morrer na hora, em que cheguei a acreditar... »

— « Socegue, Jeronymo. Não é a mim, mas a Cecilia, que ha de pedir perdão. Eu posso ainda amar e ser feliz, mas ella!... » e um suspiro e uma lagrima, preciosas em um coração tão altivo, interromperam-lhe as palavras.

— « Minha irmã, minha querida Cecilia! » acudiu o mancebo beijando-a na testa de jaspe, e recuando com pasmo da pallidez transparente e do abatimento que notava no seu rosto. » Oh, como padeces! « proseguiu comovido. » Que dôr te cortou a alma por minha causa! Quem ha de consolar-te e fazer-te feliz depois?... »

— « Deus, e a alegria dos que estimo! » replicou a donzella com tristeza suave, mas profunda. » A culpa de tudo era minha; vim aqui para remedeiar o que tinha remedio. Jeronymo, perdoa-me um erro que foi do amor, e não do coração? Ambos temos chorado tanto, que não sei qual póde queixar-se mais! »

— « Mas o teu sangue, o sangue de minha irmã que eu derramei?... »

— « Não se accuse, do que não fez... Não fui eu metter-me entre as espadas? »

— « Bem, muito bem! » atalhou o padre Ventura, sorrindo para disfarçar a sensação causada pelo que ouvia, e virando-se para o procurador de S. Domingos. « Visitámos os enfermos, e ficam sãos. Agora acabemos a obra, tractando de soltar os encarcerados. » Cecilia! acrescentou com um toque de piedade na voz, então? sempre persistimos na resolução, que tinhamos? Sente-se com a força necessaria para ír, e o vêr? Sei a grandeza da sua alma, mas esta dôr póde dispensar-se; e o sacrificio deixa de ser meritorio, se fôr demasiado...

— « Meu padre, já disse: tenho animo para tudo. Bem sabe! A unica alegria, que ainda devia ter, era vel-os felizes e unidos como estão. Agora tenho pressa de dar o ultimo passo... Sou de mais no mundo. »

— « Pois sim; mas não nos precipitemos com a primeira dôr. » E baixando a voz de modo que só ella ouviu. Acha-se com força para dizer o mesmo no logar aonde vai? Não o ama ainda?.. »

— « Hei de amal-o sempre! Que importa, neste mundo só Deus, e v. paternidade, o sabem? »

— « Ha alguem de mais no segredo que nos póde atraiçoar, minha filha! » redarguiu o jesuita meneando a cabeça.

— « Elle? » acudíu a donzella, cuja pallidez se corou de rosas. « Talvez adivinhe! »

— « Não, referia-me ao amor, Cecilia. O futuro lhe dirá que não se morre, mesmo na clausura, se o coração deseja viver, e olha para fóra. »

— « Creio em Deus e na sua graça, padre visitador. »

— « Todos cremos. Mas!... »

— « Hei de ter valor... »

— « Da bocca para fóra sim, porem dentro?... »

— « Vivirei com elle na minha alma; não é crime; e cuida que vivo só assim? »

— « O que receio é que não possa viver sempre. Quer que vamos? Thereza e fr. João ficam aqui. Para nós o mais difficil ainda se não fez. »

— « Paciencia! Não se dá o derradeiro suspiro sem agonia. Não hei de chorar nem tremer; verá; e mais é o ultimo adeus. »

— « Filha, filha! Não prometta! »

— « Oh, se aquelles soubessem o mal que me fizeram!... Ainda bem que são felizes » disse com as lagrimas nos olhos, e melancolica resignação na voz.

— « Porque não quer vencer-se, e esperar em Deus tambem? »

— « Porque acordei tarde, padre, e não está já na minha mão. Não faço falta a ninguem. Thereza fica a minha mãe para a consolar. Vamos! »

O jesuita deu-lhe a mão sem responder, e foram ambos.

Thereza e Jeronymo, esquecidas as passadas magoas na beatitude presente, estavam tão longe de tudo o que não eram elles e a sua paixão, que não perceberam a saida.

Fr. João, sentado e pensativo, tinha os olhos fitos nos dois amantes, e a idéa ausente com a educanda. Elle é que avaliava bem, mais o visitador, o immenso sacrificio da donzella; por isso, de momento a momento, uma lagrima corria pela face, e um suspiro saia do peito, quando os labios tremulos murmuravam: — « pobre Cecilia! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

II

O POETA.

I

D'onde, d'onde te veio a alma de bardo
Esse genio do céu, que lava ardente
Mana dos labios, de que salta o fogo
Em borbotões fervente?

Teu aerio condão, teu canto aerio
— Mystico aroma lá do céu descido —
É flor de encantos, balsamo suave
Nas chagas desparzido.

Quando em extase dôce entre perfumes
Ergue-te repassado de harmonia
Arrobado o pensar em teus enlevos
Aceso se extasia.

Na branda lyra modulando amores
Que torrentes melodicas se exhalam
Das moles cordas d'onde os ais respiram,
Que só ternuras fallam!

Ou incendido do fulgor divino
Aos céus elevas o teu canto terno,
E vaes em rôlos, qual o pardo incenso
Erguer-te ao throno eterno.

Como o cysne depois alegre expiras
Sempre cantando, recendendo amores:
Ornam-te a fronte do sagrado myrtho
As immurchaveis flores.

II

E tu passas sobre a terra
E cantas até morrer;
Porém se morres que importa
Se teu nome ha de viver?
Canta, poeta, teu canto
Faz a mente embevecer.

Gostas de tudo que é bello;
Amas ver a natureza
Sobre as terras desdobrando
Seu manto de singeleza,
Canta, poeta, teu canto
Inda encerra mais belleza.

Gostas da aurora em seu leito,
Sobre rosas reclinada,
Entre os rubis do Oriente,
De brilhantes esmaltada,
Erguendo a fronte formosa,
De perfumes incensada.

Gostas de vê-la abatida
Ir apressada fugindo,
Quando o sol lá no horisonte
Ardente vem resurgindo;
Gostas de vê-la no occaso
Ao monte e prados sorrindo.

Gostas da lua de prata
Em puro céu balançada,
Ou de vê-la deslisar-se
De branco véu rebuçada
No seu cochim de saphyra,
De mil estrellas cercada.

III

Quando ruge tambem nos largos mares
A fera tempestade,
Gostas de vê-la rebramando irosa
Luctar co'a humanidade.

Amas o som do proceloso vento;
E o mar encapellado
Alçando as ondas, borbolhando em fogo.
Contra os céus irritado.

O fuzilar do raio; o rouco estrondo
Do horroroso trovão;
E a voz de Deus, que lá resurge augusta
Sobre a vasta amplidão.

Amas a rocha triste e sem verdura
Nos mares empinada,
Onde a vaga referve furibunda,
E recua alquebrada.

O ceo envolto em negrejantes nevoas
De fundo dó vestido;
O combate das nuvens; e dos ventos
O indomavel rugido.

Das balas o zunir, os mil pelouros
Os ares estrugindo;
E as lanças, e as espadas encruzadas
Ferozes retinindo.

Amas o estrondo da bombarda ardente;
Dos homens o tropel;
E o orgulhoso rinchar na audaz peleja
Do brioso corcel.

IV

Amas da terra os encantos;
Amas o brilho do ceo;
O fulgurar das estrellas;
E da aurora o roseo véo.

Amas tudo quanto é bello;
Tudo que falla de amor;
Amas a rosa de nacar;
A singella e casta flôr.

A relvasinha que cresce
Sobre os montes de verdura;
Amas o lyrio a mirar-se
Sobre a limpha clara e pura.

Amas o rosto innocente
Da casta virgem formosa,
Que brilha no meio das graças
Como nos prados a rosa.

Que tem no peito a innocencia,
No semblante a formosura,
Que sobre a face de neve
Mostra uns longes de tristura.

Amas nos bosques sosinho
Divagar na solidão;
Acordar no pensamento
As magoas do coração.

Amas o mar em bonança;
O furibundo escarcéo
Igualando a fronte altiva
Dos montes ao corucheo.

Amas da guerra os horrores;
E do gladio o fino corte
Espalhando nas fileiras
O horror, gritos, e morte.

Amas tudo quanto é bello;
Quanto faz estremecer;
Cantas amores, encantas
Do moribundo ao gemer.

És o senhor da harmonia;
És o rei da creação;
Canta poeta! teu canto
Dá largas ao coração.

V

E tu soltas o vôo orgulhoso
Devassando os segredos dos céus,
E de rojo co'a fronte na terra
Vaes prostrar-te perante o teu Deus.

Entre valles de amena verdura
Tu percorres o elysio jardim,
E descobres as flores eternas,
E esses prados sem morte, sem fim.

Outras vezes ao longe no espaço
Tu transportas o acceso pensar;
E em que mundos, que terras formosas
Vaes sosinho correr, divagar!

Entre os astros te entranhas vaidoso
Co'o penhor de teus sacros amores;
Vaes ao astro de amor, que te afague,
Vaes a outro pedir seus fulgores.

Canta bardo, teu canto é mais bello
Que os fagueiros encantos do mundo,
Amenisa os horrores da vida
E penetra do peito no fundo.

VI

E onde habitas, poeta? nas cidades
Ricas de luxo, de ouropel, de orgulho?
Lá onde o nobre altivo, recamado
De oiro e de pedras, do mendigo perto
Passa sem que o perceba? nos palacios
Dos fastuosos reis, ou na do humilde
Apoucada choupana? onde, onde habitas?
Onde se lançam teus sublimes vôos,
D'onde tuas azas candidas despregas
Para com ellas percorrer o espaço?
Oh! onde pairas?! Onde paira a aguia,
D'onde se atira á terra, onde seu ninho
Senão além onde não mora o homem
Nos altaneiros pincaros, nas brenhas
Inacessiveis, intractaveis? Onde?
Senão na solidão, ante as grandezas
E os palacios eternos do universo,
Que não erguidos pela mão dos homens?
Da intelligencia nos excelsos Andes
Em seus variados alcantis, lá vive,
Lá mora a aguia do genio; lá guardada
Mais que nas fundas, horridas cavernas
Do Chimborazo, ou do Hymalaia, enxerga
O mundo sobranceira, embora em roda
Tenha a miseria esfarrapada e informe,
O rico esperdiçado, o crime, a inveja,
Ella em si se concentra — de sua mente
Nos cerros invisiveis; um sorriso
De despreso e piedade ás vezes dá-lhes,
Outras um pranto, um soluçar amigo.
E um consolo, e um suspiro; e quem a intende?
Quem lhe póde sondar do peito em fogo
O profundo sentir? senão só ella
E Deus apenas que lhe marca os passos?

Ergue tua fronte, onde lampeja a gloria,
Alça-te como o cedro na montanha,
Que os ares vara lancetando as nuvens!
Nada temes oh bardo, ovante marchas
Sobre a face da terra; rutilante
Passas deixando aurifulgente esteira
No torvo mar da procellosa vida.
Ergue-te pois! e que te importa o mundo
Se és um mysterio, se o Senhor fadou-te
Grande e sublime como a essencia etherea;
Se no estro em fogo te gravou seu nome,
Se poz-te n'alma o retratar do Elysio?
Nauta escapado em tormentoso abysmo
Do lupanar dos vicios sobrenadas
No pelago do mundo; a furia arrostas
Do poderoso rei; regeitas thronos,
Vingas o pobre, o desvallido amparas;
Das pranto á dor; o rico menospresas
Recostado no vicio, em luxo immerso.
Alça-te pois qual na montanha o cedro;
Thronos que importam, de que servem galas,
Se tens tua lyra que murmura amores,
Que descanta a virtude, odeia o vicio,
Se tens tua alma a te brotar encantos?

VII

No meio das ruinas tu fallas sosinho;
Na lyra revives extinctas nações;
Em combros te assentas de restos perdidos,
Lançados por terra do tempo aos tufões.

Com as sombras conversas vagando de noite
No só cemiterio:
As campas levantas, penetras dos mortos
O fundo mysterio.

Do rico sarcophago a lage espedaças
O pó sacudindo dos mantos reaes;
Escutas seus feitos, nos cantos que formas
Seus nomes trespassão da fama os umbraes.

As brisas te afagam, recende perfumes
A candida flôr,
Os prados se vestem, descantam as aves
Só hymnos de amor.

E sonhas, e sonhas; na mente escaldada
O fogo rebenta qual rubro vulcão,
Em ignea torrente se incende teu peito,
E o fundo esbraseia do teu coração.

E sonha, meu bardo! que importa-te a vida
De males cercada?
O mundo que importa, se além desses astros
Tua alma é formada?

A morte... não morres! Condor altaneiro
Ao céo remontando teu ninho procuras;
O phenix sublime revive mais bello,
Mais bello teu nome reluz nas alturas.

VIII

Ês o puro ideal da divindade,
Bardo — rei de harmonia,
— Catadupa precipite correndo
Em meio da melodia.

Quando sobre o furor da tempestade
Tu surges furibundo,
Ês o archanjo da morte soberbo
A escarnecer do mundo.

Entre o fumo no envolto das pelejas.
Lá vive teo pensar,
Como ardente vulcão que a lava erguida
Espalha sobre o ar.

Mas depondo o furor da tempestade,
Das guerras o furor,
Tu descantas na lyra da ternura
Os teos hymnos de amor.

Mandas teos cantos entre mil perfumes
Á abobada dos céos,
E vaes depor teus sacrosantos hymnos
Aos pés do Senhor Deos.

Canta, pois, que teu canto sobre a terra
É de Deos o sorriso;
Bardo — rei de harmonia — alça tuas vozes
Da terra ao paraizo.

JOSÉ RAMOS COELHO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Estatistica. — *Socios de que a Associação Industrial Portuense se compõe actualmente.*

Commerciantes	153
Artistas	202
Fabricantes	39
Empregados publicos	91
Proprietarios	32
Medicina, cirurgia, chymica	29
Ourives	49
Agricultores	5
Militares	8
	608

Alumnos matriculados nas suas aulas.

Total	275

Designação.

Na lingoa franceza (dia e noite)	252
» ingleza » »	61
No desenho de ornato e figura (dia e noite)	157
Desenho linear (de dia)	39
Na Geometria »	39
Leitura repentina (de dia)	117
Arithmetica — *os mesmos alumnos da leitura repentina.*	
Calligraphia (de noite)	22

Porto 22 de março, 1853. — *Francisco José Coutinho*, secretario.

(*O Nacional*,)

Maquinas de fabricar alfinetes. — Mr. Frey, filho, fabricante em Belleville proximo a Paris, appresentou na exposição de Londres uma maquina de fazer alfinetes, em que todas as peças susceptiveis de fricção são de aço ou de ferro temperado, pelo que quasi nunca necessita de reparação. E destinada a fabricar alfinetes de um a tres centimetros. É das mais pequenas construidas no estabelecimento de Mr. Frey, que possue sete modelos differentes desde 5 millimetros até 20 centimetros de comprimento.

Esta industria que á primeira vista parece restricta é comtudo mui importante, porque se faz quasi todo o fabrico por meios mechanicos, havendo mui poucos paizes onde se fabriquem manualmente.

As primeiras maquinas que não custavam menos de 2 e 3 mil francos acham-se agora por 500 francos, e são de uma construcção simples e facil de regular e de montar. No espaço de 10 annos o estabelecimento

de Mr. Frey forneceu para França e para o estrangeiro 950 maquinas de alfinetes.

Abundancia de oiro. — Segundo o *Observer* de 6 do corrente nos dois dias anteriores tinham entrado no Tamisa quatro navios procedentes da região aurifera da Australia, o *Roxburgh*, o *Chouringee*, o *Alert* e o *Shree Bells*, cuja carregação no todo ascendia 1.342:712 libras esterlinas. A sua chegada foi objecto de grande curiosidade, assim como a conducção do metal precioso para as abobadas do edificio do Banco, indo acompanhado de uma respeitavel força de policia.

As noticias que Londres continúa a receber da Australia em ponto de mineração tocam a raia do fabuloso. N'alguns districtos as excavações não tem dado o resultado que á primeira vista se esperava, mas em compensação apparecem outras minas assás copiosas e ricas.

O commissario do governo escreve de uma comarca proxima de *Adelaide* o seguinte: — « Windlafs Hill e Feltuse Gullx offerecem actualmente grande importancia. Seria difficil fazer uma relação particularisada, não só em rasão do numero de casos, como tambem porque a quantidade de oiro que dizem extrahida é de tanto vulto, que seria indiscreto enumeral-a n'um documento official sem possuir todas as provas de sua authenticidade. Falla-se de libras de oiro, como dantes se fallava de onças. Pela minha parte posso asseverar que tenho visto pessoas adquirirem um ganho enorme, o que junto á extraordinaria actividade e energia com que proseguem os trabalhos naquelles districtos é uma abonação da verdade do que se refere. »

Milho exportado da ilha de S. Miguel, no mez de fevereiro de 1853. — Patacho *Respeito*, para Cork, com 314 moios, e 50 alqueires. Patacho *Alvacora*, para Cork, com 230 moios, e 43 alqueires. Hiate *Boa-Fé*, para Cork com 180 moios, e 43 alqueires. Escuna *Belmira*, para Cork, com 285 moios, e 20 alqueires. Escuna *Aguia Rest*, para Cork com 141 moios, e 20 alqueires. Escuna *Albiana*, para Cork, com 248 moios, e 20 alqueires. Escuna *Bridesmaid*, para Cork, com 309 moios, e 56 alqueires. Escuna *Stella*, para Cork, com 235 moios, e 45 alqueires. Escuna *Turk*, para Cork, com 121 moios, e 45 alqueires. Escuna *Eidsvalol*, para Cork, com 209 moios, e 45 alqueires.

Total 2:276 moios, e 19 alqueires.

N. B. Os primeiros 5 navios são portuguezes, os 4 abaixo inglezes e o ultimo norueguez.

Incendio no paço real em Londres. — Na noite de 19 do passado, algumas horas depois da chegada da familia real a Windsor, rebentou um violento incendio no aposento particular da torre do principe de Galles. A rainha e seu esposo tinham jantado sós na magnifica sala gothica, depois do que se retiraram para uma sala contigua, onde um espesso fumo os advertiu do incendio, que parece ter-se communicado ao emadeiramento da sala da comida por um tubo do calorico que estava collocado nas cavas da torre do principe de Galles, para aquecer aquella sala gothica.

Ás onze horas estava o incendio no seu apogeo, e só se extinguio ás quatro horas, depois da chegada das bombas da capital, que concorreram em auxilio das de Windsor. Setecentos fuzileiros da guarda seguidos do 2.º regimento de guardas correram logo, apresentando-se os soldados em todos os pontos arriscados.

O interior da torre do principe de Galles ficou reduzido a cinzas, e a torre de Brunswick tambem soffreu muito, tendo sido presa das chammas a sala gothica, e uma dozena de cameras. A perda foi grande, salvando-se comtudo os quartos onde estava a grande baixella de oiro e prata, e toda a rica mobilia do salão vermelho.

O principe Alberto esteve sempre no theatro do sinistro. A rainha e a familia real refugiaram-se na ala do sudoeste do castello, onde passaram o resto da noite.

THEATRO DE S. CARLOS.

1.ª representação da opera *Sampiero*.

Com muita satisfação registamos o exito brilhante e completo que teve a nova opera em 3 actos *Sampiero*, do *maestro* sr. Xavier Migoni, representada pela primeira vez na noite de segunda feira 4 do corrente.

Não nos julgando sufficientemente habilitados por uma unica representação para emittir uma analyse sobre este *spartito*, reservamo-nos a fazel-o no proximo numero, limitando-nos hoje a dizer que a opera do sr. Migoni está escripta com muito gosto e profundo saber, e que não obstante ser a primeira do seu auctor, já lhe assegura, na nossa opinião, um logar honroso entre os mais distinctos *maestri* contemporaneos.

As primeiras partes foram confiadas a Madame Rossi Caccia, e aos srs. Prudenza, Bartolini, e delle Aste, que todos se esmeraram como á porfia no seu desempenho, e rivalisaram entre si para corresponderem aos desejos do compositor. Ao sr. Bartolini coube a parte importante do protagonista, que lhe proporcionou occasião de adquirir mais um titulo á reputação de artista consummado, que tem merecidamente grangeado entre nós.

Diversas foram as peças applaudidas no decurso da representação, e no fim della foi o sr. Migoni chamado repetidas vezes ao proscenio no meio de bravos enthusiasticos e applausos geraes.

DEMETRIO RIPAMONTI.

NOVO CURSO DE LINGUAS.

O professor A. Galleano-Ravara abre um terceiro curso das linguas italiana, franceza e ingleza estudadas junctamente por um novo methodo practico.

Os cursos são divididos em 12 lições, 3 cada semana, ao preço de 2:400 rs. adiantados.

A primeira lição terá logar no sabbado 2 de abril ás 8 horas.

As assignaturas recebem-se em casa do professor, largo de S. Carlos n.º 5, 3.º andar.